A evolução portugesa dos grupos -KY- e -TY- intervocálicos

Autor(en): **Herculano de Carvalho, José G.C.**

Objekttyp: **Article**

Zeitschrift: **Vox Romanica**

Band (Jahr): **15 (1956)**

Heft 2

PDF erstellt am: **27.04.2024**

Persistenter Link: https://doi.org/10.5169/seals-15520

Nutzungsbedingungen

Die ETH-Bibliothek ist Anbieterin der digitalisierten Zeitschriften. Sie besitzt keine Urheberrechte an den Inhalten der Zeitschriften. Die Rechte liegen in der Regel bei den Herausgebern.
Die auf der Plattform e-periodica veröffentlichten Dokumente stehen für nicht-kommerzielle Zwecke in Lehre und Forschung sowie für die private Nutzung frei zur Verfügung. Einzelne Dateien oder Ausdrucke aus diesem Angebot können zusammen mit diesen Nutzungsbedingungen und den korrekten Herkunftsbezeichnungen weitergegeben werden.
Das Veröffentlichen von Bildern in Print- und Online-Publikationen ist nur mit vorheriger Genehmigung der Rechteinhaber erlaubt. Die systematische Speicherung von Teilen des elektronischen Angebots auf anderen Servern bedarf ebenfalls des schriftlichen Einverständnisses der Rechteinhaber.

Haftungsausschluss

Alle Angaben erfolgen ohne Gewähr für Vollständigkeit oder Richtigkeit. Es wird keine Haftung übernommen für Schäden durch die Verwendung von Informationen aus diesem Online-Angebot oder durch das Fehlen von Informationen. Dies gilt auch für Inhalte Dritter, die über dieses Angebot zugänglich sind.

Ein Dienst der *ETH-Bibliothek*
ETH Zürich, Rämistrasse 101, 8092 Zürich, Schweiz, www.library.ethz.ch

http://www.e-periodica.ch

A evolução portuguesa dos grupos -KY- e -TY- intervocálicos

Foi numa das sessões do seu Seminário espanhol, meu querido Mestre e Amigo, – numa dessas sessões em que tantos ensinamentos e tão valiosas sugestões recebi –, que me veio pela primeira vez a ideia de tratar este problema de fonética histórica. Li em seguida na *Romania* (vol. 48, p. 137ss.) a recensão que, juntamente com o inolvidável Mestre Jakob Jud, dedicou ao *Manual* de Menéndez Pidal. A solução que aí (p. 145–147) vem proposta (e que antes ouvira expor no Seminário), apesar de todas as dificuldades, pareceu-me então e parece-me ainda hoje a verdadeira. Simplesmente, é necessário, tanto quanto possível, resolver e arredar essas dificuldades. É para isso que me proponho dar a minha pequena contribuição, neste artigo que no dia de hoje lhe dedico, Senhor Professor, como testemunho da minha sincera e muito grata admiração.

Recorda-se certamente que naquela recensão se invocaram os resultados portugueses, sardos e romenos do grupo latino -TY- para demonstrar a tradicionalidade do resultado áfono -*s*- nas línguas românicas. Ora as circunstâncias no português não se apresentam tão simples ao primeiro exame, pelo que se me afigura valer a pena esclarecê-las convenientemente. O problema é românico e como tal deve ser apreciado e resolvido, mas a sua análise particular para cada área da Romênia deverá necessàriamente preceder a síntese geral, preparando-lhe e desembaraçando-lhe o caminho.

Se alguém se quiser informar sobre o destino daqueles grupos consonânticos latinos em português e recorrer aos costumados manuais de gramática histórica – o de J. J. Nunes, o de Huber, o de Williams –, terá de verificar, primeiramente, que entre eles

existe um perfeito desacordo e, em seguida, se examinar com um pouco mais de atenção as soluções que cada um deles apresenta, sentir-se-á necessàriamente insatisfeito: nenhuma das três responde, efectivamente, a todas as dúvidas, ou por partir de pressupostos não devidamente comprovados, ou por não encarar o problema senão unilateralmente, sem um exame completo e atento de todos os elementos que se possam reunir.

J. J. Nunes, no seu ainda hoje excelente *Compêndio de gramática histórica portuguesa* (2ª ed., p. 147–148), depois de enumerar vários étimos em que -TY-, -KY- intervocálicos aparecem representados umas vezes por *-ç-*, outras por *-z-*, põe lado a lado os resultados de VĬTIUM *viço* e *vezo* e de FACIEM *face* e *faz* (ant.) etc., para concluir (um pouco dubitativamente, é certo) por uma maior regularidade no segundo tratamento em ambos os casos: «visto como as palavras dessa fase acusam tratamento mais regular, o que se vê no *i* de VĬTIU que, sendo breve, passou para *ê* (...) ao passo que em *viço* foi tratado como se fora longo», devendo por conseguinte «ter-se por semi-cultas» «as palavras nas quais o *-ti-* e *-ci-* latinos estão representados por *-c-* (...) sendo genuinamente populares aquelas em que a esses grupos corresponde *z*[1].»

---

[1] Será conveniente, logo de início, negar a identidade, invocada por J. J. NUNES, *ibid.*, entre o tratamente de *k* e *t* (quanto à sonoridade) quando seguidos de *i̯* e quando de vogal, identidade de novo afirmada, mais recentemente, por Espinosa, *Arcaísmos dialectales*, p. 30, N 1: «Por otra parte, no parece lícito separar la sonorización de *-ci̯-*, *-ti̯-* (donde ocurre) de la de las demás sordas intervocálicas. ¿Cómo se explica que en voces populares se hayan sonorizado dichos grupos por cultismo, cuando la sonorización es precisamente el fenómeno romance?» Sim, mas em posição intervocálica, não antes de semi-vogal: o *i̯*, *certamente através de um reforço articulatório* (que tem a sua expressão mais perfeita no italiano) teve geralmente o condão de impedir a sonorização das oclusivas e até, em alguns casos, de promover o seu ensurdecimento: cf. SAPIAM > fr. *sache*, esp. *sepa* (ao lado do port. *saiba*), *VĬRDIA port. *verça*, port. e esp. ant. e dialectal *berça* (Corominas I, 451 b). Assim parece poder atribuir-se com verosimilhança a uma reacção culta uma articulação do grupo *-tsy-*, possìvelmente com diérese – *ratsïone* –, donde se teria originado a sonorização: **radzione*, *radzone* > fr. *raison*, etc. Que na Galo-Romània o movimento tenha alcançado ùnicamente

Além de *viço* há efectivamente, entre os materiais expostos por Nunes, outras palavras com ç que não demonstram, por outro lado, um tratamento fonético muito regular: *cobiça*, *serviço* e o ant. *lediça*. Mas não chegam estes quatro casos anómalos para nos levar a admitir uma tal conclusão, tanto mais que os materiais de que Nunes se serviu nem são completos nem totalmente irrepreensíveis[1].

Por sua vez Williams (*From Latin to Portuguese* § 89,2 e 4) separa os resultados de -TY- e -KY-, considerando regulares os desenvolvimentos -KY- > -ç- (FACIEM > *face*), -TY- > -z- (RATIONEM > *razão*) e irregular, semi-erudita, causada por confusão mútua dos dois grupos consonânticos, a passagem de -KY- a -z- (FIDUCIA > ant. *fiuza*) e de -TY- a -ç- (PALATIUM > *paço*). É evidente que esta posição (que do ponto de vista português se não justifica) se baseia ùnicamente numa hipótese que cumpria prèviamente demonstrar: a de que a evolução galo-românica de *raison*, *acier* representa a evolução românica em geral e de que esta deve fatalmente continuar-se no português.

A atitude de Huber (*Altportugiesisches Elementarbuch* §§ 191, 192, 225) é mais complexa mas, como a de Williams, faz ponto de partida em pressupostos não demonstrados. Separando igualmente a evolução de -KY- da de -TY-, admite que aquele grupo teria produzido ç em posição intervocálica (FACIO > *faço*) e z em posição «final» (FACIEM > ant. *faz*, ACIEM > ant. *az*); ao passo que o resultado de -TY- dependeria da sua posição relativamente ao acento (é, como se vê, a teoria de Neumann, Horning, etc.): ç depois do acento (PALATIUM > *paço*); z antes do acento (RATIONE > *razão*).

---

os continuadores de -TY- latino deve-se seguramente (como queriam JUD-STEIGER, *R 48*, 145–147) à consciência, pela parte dos fautores desta reacção, da origem dupla da pronúncia «viciosa» que numa articulação única havia fundido sons primitivamente bem diversos.

[1] Haveria, por exemplo, que afastar, logo de entrada, *prez* ant., *avestruz* e *assaz*, de proveniência galo-românica. *Anzol/anzolo* ant. apresenta graves dificuldades formais (Corominas, I, 224a atribui origem moçárabe à primeira variante). Para *braço* há que admitir pelo menos a possibilidade de que provenha da variante com dois *C* (Corominas I, 514a).

Já se sabe que fora deste quadro fica um bom número de formas que é necessário lá meter à força, recorrendo a complicadas explicações que já por si falam contra a teoria de Huber. De fora ficam realmente – sem falar dos verbos, com as suas alternâncias de acento – *peçonha*, ant. *poçon-ponçon*, *tição* e os sufixos *-ação*, *-ição* que têm *ç* antes do acento; e por outro lado *vezo* e os sufixos *-eza*, *-ez*, que têm *z* depois do acento – e que Huber considera «auffällig»[1].

Sobre isso, não parece fazer sentido distinguir o grupo -KY- em FACIO e em FACIEM, visto que em ambos os casos ele é intervocálico. Se em *az* e *faz* o seu resultado *z* (seja qual for o seu valor fonético) se encontra em posição final, isso deve-se à queda, relativamente tardia, de *-e*, tal como sucedeu em *paz*, *luz*, *faz* (de *fazer;* imper. *faz* ou *faze*), etc., etc.[2].

Em suma, o problema terá de ser considerado de novo desde o princípio. É isso o que seguidamente vou tentar fazer: 1º reunindo materiais tanto quanto possível completos, i. é. todos os étimos latinos em que os grupos -TY- e -KY- latinos estão representados modernamente ora por *ç* ora por *z* e que apresentam probabilidades de ter sofrido uma evolução popular; 2º discutindo os que possam suscitar dúvidas, em particular aqueles que deram origem a divergentes com *ç* e com *z* (VĬTIUM > *viço*, *vezo*). Veremos então se nos será possível chegar a uma verdadeira conclusão quanto à cronologia relativa dos dois resultados.

[1] Não pode aliás restar dúvida de que em *doazõ* e *comemorazones*, formas registadas em documentos do século XIII (HUBER 97), o *z* fosse uma grafia da africada surda, precisamente na época em que ainda em Castela se hesitava sobre o valor a atribuir aos dois símbolos gráficos *ç* e *z*. Sobre as confusões que se observavam nessa época cf. o mesmo Huber §§ 55 e 77; sobretudo MENÉNDEZ PIDAL, *Orígenes*[3], pp. 63–67: «el empleo de *ç* o *ç* exclusivamente para el sonido sordo, a diferencia de *z* sonora, se manifiesta con claridad sólo desde los primeros años del siglo XIII, y no se afianza y generaliza sino desde hacia 1240», p. 65.

[2] Mais próximo da realidade dos factos, observava já CORNU, *Gröbers Grundriß*[2], 960, que, salvo algumas poucas excepções, os dois grupos em questão produzem *ç* em português. Cf. também BOURCIEZ, *Éléments de ling. rom.*[4], p. 412 (§ 338c).

Comecemos pelo grupo -KY-, cujos problemas se afiguram de solução mais fácil:

-KY- representado ùnicamente por -*z*-

São quatro os étimos nestas condições:

FIDUCIA ant. *fiuza*, *feuza* 'confiança'
JUDICIUM *juizo*
GALLAECIA *Galiza*
ACIEM ant. *az*, *aaz* (variante gráfica)

sendo os seus resultados galegos precisamente os mesmos.

Quer o segundo (cf. *REW* 4601) quer o terceiro destes étimos não oferecem dúvidas quanto ao carácter erudito ou semi-erudito do seu tratamento. Para nós, bastará ter presentes os correspondentes castelhanos: *juicio* (v. Corominas II, 1074b, li. 48ss.[1]) e *Galicia*, ant. *Galizia*. O primeiro tem em espanhol uma história complexa, em que as formas (aparentemente?) regulares *fiuza*, *feuza* cedem o passo gradualmente a outras menos normais: *fiuzia*, *huzia*, *hucia* (cf. Corominas II, 962 a–b). De todos os modos, o destino românico do étimo apresenta um carácter bastante precário e os descendentes italianos não são de forma alguma inteiramente populares (cf. Jud-Steiger, *R 48*, 147, N 1; *FEW* III, 505a).

Se abstrairmos da forma *haz* (Huber 111, § 225, 2a), excepcional e que faz pensar num castelhanismo gráfico (cf. Corominas II, 889b, art. *haz* II), *az* (ou *aaz*), com o seu plural *azes* é de uso extremamente frequente desde o séc. XIII até pelo menos o séc. XV (cf. *Demanda do Santo Graal*, Glossário s. v., p. 19–20 e 100). Com o esp. ant. *az* (*haz*), abonado desde o poema do Cid, é esta, ao que parece, uma das duas únicas continuações românicas daquele étimo latino (*REW* 106).

-KY- representado por -*z*- e por -*ç*-

Há *talvez* um étimo a considerar:

FACIEM representado no gal.-port. antigo por *faz* 'face, rosto', assim como pelo composto *anfaz* < ANTE-FACIEM 'véu que cobre

[1] Citarei assim, no decorrer deste artigo, os dois volumes até à data publicados do monumental *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana* de J. COROMINAS.

o rosto'[1]. Não sabemos porém se aquele *-z* representava realmente uma sonora ou se não seria simplesmente uma grafia de *-ç* em posição final, como sucede por exemplo em *Badalhouz*, forma usada nas *Cantigas de Santa Maria* a par da normal *Badalhouci* 'Badajoz'[2]. É certo que Huber 111 faz fé de um plural *fazes*, sem dizer porém onde o recolheu ou com que frequência o viu usado. Pode bem ser uma forma isolada e sobretudo proveniente de algum texto do século XIII em que se não faça ainda a distinção (gráfica!) entre *ç* e *z* (cf. p. 262, N 1).

O que é todavia certo é que *face* é já a forma verdadeiramente corrente no português arcaico, abonada desde o século XIII no mesmo poema de D. Afonso Lopes de Baião que nos forneceu um

[1] *Faz* em D. Afonso Lopes de Baião (s. XIII): «que já mais nunca verrá / en nenhun temp' a *faz* de Deus» (J. J. Nunes, *Crest. arc.*, p. 403) – mas na mesma composição ocorre *face* duas vezes, cf. p. 265, N 1, o que mostra como aquela forma era mera variante desta; e em Afonso X: «Tolh' as mãos d'ante ta *faz* / e para-mi mentes, ca eu não tenho *anfaz*» (*Cantigas de Santa Maria*, na ed. de Rodrigues Lapa, p. 24, vv. 1–2).

Anfaz, além desta, ocorre ainda algumas outras vezes, sob a forma *enfaz*, nas mesmas poesias mariais (cf. Carolina Michaelis de Vasconcelos, *RL* XI, 39); e devia encontrar-se na tradução portuguesa perdida da *Crónica do Mouro Rasis* (Carolina Michaelis, *ib.*, 38–39 e Luis F. Lindley Cintra, *Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol. I, p. LII, cf. vol. II, 305, li. 15).

Fazfeiro, deverbal de um **fazferir* não documentado (de faciem ferire esp. *zaherir*, Corominas II, 905b), é usado umas cinco vezes nas *Cantigas de Santa Maria:* «E porque sempre os bõos / lhe davan mui gran *fazfeiro* / do mui mal que fazia, / penssou que un mõesteiro / faria . . .» (ed. Valmar, nº 45, estr. 5); «Enton a abadessa do mõesteyro / lhe trouxe a çapata por seu *fazfeiro* / pelo rostro . . .» (nº 61, estr. 7); outros passos citados no glossário da edição Valmar.

Malkiel, no estudo citado na N 2 da pág. seg., não conhece nenhuma destas formas galegas. Cf. *posfaz* na mesma nota.

[2] Registada por Malkiel, *estudo cit.* adiante, p. 46, N 97. Cf. também aqui p. 265, N 2, e p. 273, N 3. Não se pode levantar a mesma dúvida quanto a *az*, porquanto não há notícia de uma variante **ace* e o plural é regularmente *azes*, abonado com muita abundância. – Sobre o valor de *-z* em castelhano cf. Menéndez Pidal, *Cantar de mio Cid* 193, N 2 e 1198–1200.

dos dois únicos exemplos que conheço de *faz* com *z*[1]; e que têm também surda todos os outros derivados de FACIE: o trasm. *faceira* 'campo (...) junto das povoações', o ant. *faceiró* 'travesseiro' (Piel, *Miscelânea de etimol.* 165–167), e ainda o ant. *posfaçar*, por Malkiel acertadamente explicado a partir da expressão *POST-FACIEM DICERE (ou MALEDICERE mais provàvelmente, donde *POSTFACIARE, segundo Corominas II, 890b)[2].

-KY- representado ùnicamente por -ç-

Além destes poucos casos, que agora passámos em revista, todos os outros apresentam invariàvelmente o resultado surdo:

*ACIAMEN *açame, açamo, açaimo*[3]

ACIARIUM ant. *aceiro*, mod. *aço*[4]

---

[1] «que nunca poderá veer / a *face* de Nostro Senhor» (NUNES, *Crest.* 403, vv. 6–7), «nunca já ... / pode veer ... / a *face* do que nos comprou» (*ibid.*, vv. 19–21); também na *Vida de Eufrosina:* «a sua *face* era amarela» (in HUBER, § 442); na *Corte Imperial:* «as suas *façes* sem magooa e sem rrugadura» (NUNES, *Crest.* 137, li. 26); nas *Cantigas de Santa Maria:* «Quand' aquesto viu a dona, / filhou-ss' a chorar / et con coita a cativa / sas *faces* carpir» (nº 98, estr. 4). Outros exemplos em MALKIEL, *Posfaçar* 54, N 132–133. – Porque será que J. P. MACHADO, *Dicionário etimol. da língua port.*, fasc. 15, p. 941a, atribui a *face* origem francesa??

[2] V. YAKOV MALKIEL, *The ancient hispanic Verbs* POSFAÇAR, PORFAÇAR, PROFAÇAR, sep. de *Rom. Phil.* III (1949), 27–72; e COROMINAS II, 890b. Aos exemplos portugueses de *posfaçar*, reunidos por MALKIEL, 67–68, acrescentem-se os da *Demanda do Santo Graal* (no glossário s. v. *posfaçado, posfaçar, posfaço*); note-se ainda que o mesmo texto conhece também a variante *profaçar, profaçado*. O subst. *posfaz* aparece uma única vez nas *Cantigas de Santa Maria* (MALKIEL, 68): «... Sennora espirital / que vos pode ben guardar de *posfaz* e de mal» – assim em dois manuscritos, num outro *posfaç*, pelo que MALKIEL, 31–32 pensa, e creio que com razão, que ambas grafias exprimem a mesma pronúncia com *ts* final (cf. aqui o que digo de *faz* e N 2 da pág. anterior). *Posfaz/posfaç* será porém realmente uma forma idependente (único vestígio de POST FACIEM, MALKIEL, 45–49)? Ou não será antes uma variante apocopada de *posfaço*, por se lhe seguir vogal? Cf. p. 273, N 3.

[3] Creio que podemos aceitar sem hesitação a etimologia defendida por JOSEPH M. PIEL, na sua *Miscelânea de etimologia port. e galega* 6 e ss.

[4] Cf. PIEL, *op. cit.* 11 ss.

CORTĬCEA *cortiça, cortiço*[1]
*ERĪCIUM *eriço, ouriço, eriçar*
FOCACEA *fogaça*
*FORNĪCIUM ant. *forniço*[2]
LAQUEUS *laço*
LĪCIUM *liços*
MINACIA *ameaça, ameaçar*

Aqui entram os numerosos derivados nominais com os sufixos *-aço* < -ACEUS e *-iço* < -ĪCIUS: *agraço* (*ACRACEUS Corominas I, 57a), *bagaço, espinhaço, linhaça, melaço, palhaço*[3], etc., etc.; *aranhiço, caniço, carvalhiço, feitiço* (Corominas II, 862b), trasm. *graiço-grainço*[4], *meliço* 'gémeo' (*GEMELLICIUS), *painço, palhiço, postiço*, etc., etc.

[1] O *i* explica-se certamente por influência do sufixo -ICIUS. Cf. p. 272, N 1.

[2] «E se partir del per rrazõ de fazer *forniço*, perça as arras», *Fuero Real de Afonso X, o Sábio. Versão port. do séc. XIII*, p. p. A. PIMENTA, p. 86, li. 4. Se é possível que se trate de um derivado semi-erudito, como o cast. ant. *fornicio* (COROMINAS II, 951a$_{45}$), isso não é todavia absolutamente necessário, tanto mais que o sardo também conhece um representante popular do mesmo étimo (*REW* 3453; WAGNER, *Histor. Lautlehre* 172), e populares são ainda os continuadores port. ant. *fornezinho* (*REW* 3453) e esp. ant. *hornezino* (COROMINAS II, 951a), e mais o gal. ant. *fornagar* do verbo FORNICARE (*REW* 3452), representado apenas eruditamente em castelhano, e ainda o port. ant. *fornigador* («Respondeo o angeo e disse. estas penas son dos gargantooens e dos *fornigadores*», *Visão de Túndalo*, *RL* III, 106). Forma, essa erudita, correspondente ao cast. *fornicio*, é sim a variante *fornízio* documentada naquele mesmo texto («Se algũa molher ... per sa voontade fezer *fornizeo* ...», *Fuero Real* 140, últimas linhas) e na *Demanda* («por seu *fornízio* e por sua maa vida caerom em soberva», cf. glossário). Cf. também *FEW* III, 725.

[3] Entenda-se, o adjectivo (*casa palhaça*, p. ex.), não o substantivo, que é uma adaptação evidentemente recente do it. *pagliaccio*.

[4] *GRANICIUM, base do esp. *granizo* (donde o port. *granizo;* COROMINAS II, 769b, li. 47–52), contra o que supõe COROMINAS, está representado por formas plenamente populares ao menos numa vasta área do distrito de Bragança. Registei em Moncorvo *grainço* e *grainçada*, em Rebordãos (Bragança) *grainço* e *grainçar* e em Vimioso *graiço* e *graiçada*. *Grainço* está ainda documentado para o

E aqui pertencem finalmente as formas verbais *faço, faça* < FACIO, FACIAM, de *fazer*, e ant. *jaço, jaça* < JACEO, JACEAM de *jazer* (*Huber*, § 378, 12)[1].

Resumindo agora, verificamos que há um único étimo (ACIEM) que possa entrar em consideração para a solução do nosso problema e em que o grupo -KY- esteja representado em português constantemente pela sonora *z*: JUDICIUM, FIDUCIA, GALLAECIA não apresentam geralmente um tratamento normal; em *faz* de FACIEM o -*z* é provàvelmente uma grafia do som surdo correspondente. Todos os outros étimos, pelo contrário, ostentam invariàvelmente a evolução -KY- > -ç-. Terá então a palavra *az* 'linha de batalha', 'exército' qualquer probabilidade de conservar um vestígio de uma evolução antiga, que cedeu o passo à mais recente representada por ç nos outros étimos? Será temerário responder afirmativamente, se se considera o carácter do vocábulo: elemento da terminologia militar, nada mais fácil do que encontrar-se sujeito a influências estranhas, nada de mais difícil do que subtrair-se a essas influências.

Se passarmos agora ao caso do -TY- verificaremos, em primeiro lugar, que parece não haver um só étimo em que ele esteja representado ùnicamente pela sonora -*z*-, sendo pelo contrário relativamente numerosos aqueles em que lhe corresponde -ç- e -*z*-.

-TY- representado por -*z*- e por -ç-

RATIONEM apresenta normalmente -*z*- desde os mais antigos documentos: ant. *razom*, mais tarde *razão, rezão;* e o verbo *razoar*

---

concelho de Macedo de Cavaleiros (Mª JOSEFINA OSÓRIO, *Olmos, Chacim, Lombo e Talhas;* dissert. dactilografada) e *grainçada* para o de Alfândega da Fé (AMÉLIA INOCÊNCIO DE SOUSA, *Contribuição para uma monografia . . . do conc. de A. da Fé;* idem). – O termo *graelo* com os seus derivados *graelar* e *graelada* (GRANELLUM), que A. MORENO registou em Mogadouro (*RL* V, 92), deve ter assim uma extensão geográfica pouco considerável em Trás-os-Montes. Fora isso, além de *saraiva*, são sobretudo os continuadores de PETRA (*pedra, pedrisco, pedraço*, este último não apenas minhoto, mas usado pelo menos também no conc. de Soure) que no domínio português se conhecem para designar aquele fenómeno meteorológico.

[1] *Praza* conj. de *prazer* conforma-se ao radical *praz-*.

(ant. *razõar*), *arrazoar;* etc.[1]. Todavia a *Demanda* não desconhece *raçom* ao lado de *razom*, o mesmo sucedendo com a *Crónica Troyana*, onde aparece também *roçoar* (por *raçoar*) 'razonar, hablar', *raçõado*, junto a *razõar*, *razõado*. Quer numa quer noutra forma, todavia, os vocábulos pertencem a um domínio semântico caracterizadamente erudito ou semi-erudito.

SATIONEM está também normalmente representado por *sazom* com *z* com o sentido de 'tempo, época, ocasião', e ainda hoje continuado, com uso mais ou menos restrito, sob as formas *sazão* e *sezão*[2]. Mas também já na linguagem antiga aparecem variantes com -ç-, de novo na *Demanda* (*saçom*, *seçom*, *seçam* ao lado de *sazon*, *sezom*), na *Crónica Troyana* (*saçõ* a par de *sazon*) e ainda num documento galego de 1269[3]. E é muito provável que (como recentemente alvitrou Manuel Mateus, *RPortFil.* II, 258–260) o termo agrícola *seção*, usado em várias regiões ao que parece na acepção de 'humidade da terra', não seja também mais do que um representante deste étimo latino[4].

---

[1] *Ração* 'quinhão, pitança, etc.', juntamente com *raçoeiro*, *arraçoar*, não entra em linha de conta pela sua origem claramente erudita, eclesiástica: cf. esp. *ración*, *racionero* e *REW* 7086.

[2] Sobretudo, sob a forma *sezão*, na acepção especializada da linguagem médica corrente para designar o que mais popularmente é conhecido pelos nomes de *febres* (*terçãs*, *quartãs*) e *maleitas*. Noutras acepções, na linguagem rural, cf. agora MANUEL MATEUS, *RPortFil.* II, 258–260; TAVARES DA SILVA, *Vocabulário agrícola regional* s. v. *sazão* (*terra em*).

[3] «cũ na meatade de quantos pobros et gaados et pressas et pã seco et verde áá *saçõ* y ffor» (MARTÍNEZ SALAZAR, *Docum. gallegos de los siglos XIII al XVI*, p. 98).

[4] Foi JÚLIO MOREIRA quem registou primeiro a palavra, *Estudos da língua port.* I, 203, recolhendo-a numa carta escrita por um homem do povo, natural de Trás-os-Montes: «O amaricano atampou muito cedo e ficou muito forte, porque a terra teve muita *seção* todo o ano, por ter habido chubas» (*ibid.* 100). Como minhoto regista C. DE FIGUEIREDO, no seu *Dicionário*, *sessão* («o meu quintal tem muita *sessão*»). O mesmo autor recolheu, em Santa Cristina, Serrinha, *seção* 'humidade' (?) («as terras não têm *seção* para o grão nascer») e *asseçoar* («a rega da tarde aproveita mais, porque fica de noite a *asseçoar*») (cit. por R. DE SÁ NOGUEIRA, *Questões de língua port.*, 1ª parte, 152); e Torrinha *cessão* na Beira Alta em frases

MALĬTIA – abstraindo da forma *maleza* aduzida pelo *REW* 5266a, que é evidentemente formação moderna, encontramo-nos com *maeza* ant., palavra registada por J. J. Nunes, *Compêndio* 147, sem indicação de sentido nem de fonte, mas também com outras formas antigas e aparentemente de maior vitalidade, com -ç-: *mainça* 'rixa', *malmainça*, *mal-maiça* (*andar* ou *ir à*), *meiça* (Piel, *Miscelânea* 208–209).

PRETIUM-PRETIARE – com resultado sonoro existe o verbo *prezar*, abonado desde a língua antiga com sentido ùnicamente abstracto de 'apreciar', 'dar apreço'. O substantivo respectivo era correspondentemente *prez*, que quer já pela forma (supressão do *-o*), quer pelo sentido e emprego (na linguagem trovadoresca) se revela indubitàvelmente com um dos numerosos provençalismos do português arcaico[1].

Pelo contrário, com -ç- existe a família completa, abonada também desde todos os tempos: *preço* com o sentido concreto e também com o abstracto de 'valor' (no port. ant. frequente nas locuções *dar mau preço*, *apôer mal preço*); *preçar* e *despreçar*, equivalentes exactos antigos de *prezar* e *desprezar*; *apreçar* finalmente, usado hoje ùnicamente com o sentido de 'dar ou indagar o preço material de uma coisa' (de que não conheço abonação antiga), mas também já no de 'apreciar', que subsiste no deverbal *apreço*[2]. É claro que não se pode mesmo assim afirmar que estas palavras sejam perfeitamente 'tradicionais', atendendo em particular ao carácter ùnicamente erudito dos correspondentes espanhóis *pre-*

como «a terra não tem *cessão*, está sem *cessão*» (cit. por SEBASTIÃO PESTANA, *Estudos de linguagem* 91). Também TAVARES DA SILVA, *Vocabul. agr. region.*, tem *seção* 'humidade' como minhoto, *sessão* 'humidade da terra' como termo da Maia e ainda o verbo *asseçoar* (Minho) 'humedecer'. A acepção mais genérica 'período de tempo' parece aliás ainda ser conhecida, como se vê pelo mesmo *Vocabulário*, que fornece *cessão* (Figueira de Castelo Rodrigo) 'sazão, ensejo' (provàvelmente na expressão 'terra em sazão'), *sessão* ou *assessão* (Ilha de S. Miguel) 'período de tempo que decorre entre a lavoura de preparação e a sementeira'.

[1] O oposto *desprezar* tem como nome o deverbal *desprezo*.

[2] Cf. os glossários do *Cancioneiro da Ajuda*, *RL 23*; da *Demanda do Santo Graal*; das *Cantigas de Amigo* de J. J. NUNES; da *Crónica Troyana*; etc.

cio, *preciar*, *despreciar* (Espinosa, *Arcaismos dial.* 22), mas parece-me ainda mais arriscado o negá-lo peremptòriamente apoiado apenas neste facto (*REW* 6746; considera também 'Buchwort' o fr. *prix*, ant. *pris*): inegável é o carácter popular, tradicional de *paço*, embora o espanhol conheça apenas o representante erudito *palacio* do étimo latino PALATIUM.

VĬTIUM continua-se por um lado em *vezo* 'costume' (geralmente mau), *vezar*, *avezar* 'acostumar', por outro em *viço*, *viçoso*, *viçar*, família com grande vitalidade desde o português antigo até hoje e além disso com um domínio semântico desconhecido às formas com *-z-*: na língua antiga, além do sentido etimológico de 'vício', o substantivo apresenta predominantemente o de 'prazer, deleite', o adjectivo o de 'aprazível, deleitoso, satisfeito (de deleites)'[1]; no uso actual aplicam-se em especial à vegetação com as significações de 'vigor, frescura, aspecto verdejante' e de 'vigoroso, fresco', etc.

[1] «O gram prazer e gram *viç*' en cuidar, / que senpr' óuvi, no ben de mha senhor» (J. J. NUNES, *Cant. de Amor* 296, v. 1–2); «Mais, se eu nunca cobrava / o *viç*' en que ant' estava, / saber-lh'ia ben sofrer / seu amor . . . » (*Canc. da Biblioteca Nacional* I, 48, v. 28–31); «E Amaro vyo dentro tantos prazeres e tantos sabores e tãtos *viços* quantos nõ poderya contar nẽhũu homẽ do mũdo» (NUNES, *Crest.* 62, li. 29–31; outras vezes no mesmo texto); ainda em Samuel Usque: «e assi [folgando e jogando] pouco a pouco às choças alegremente se hiam chegando, tee que jaa fartos de tanto *viço* do dia (. . .) contentes arribavam» (*Consolaçam* I, fol. V r.). – Na Regra de S. Bento fragmentária (J. J. NUNES, *Evolução de língua portuguesa*, in *Boletim da Classe de Letras*, vol. XIV–XVI) *viço* é usado com muita frequência com o sentido de 'vício, pecado': «o emendamẽto dos *viços* e o esguardamento da caridade» (*Bol.* XV, 930); «cõtra os *viços* da carne ou das cuidações, Deus ajudante, abastã lidar» (*ib.* 931); «enmendados dos *viços*» (*ib.* 936) – em todos ou na maioria dos casos a versão do século XV traz nos lugares correspondentes a forma *vício*. Em 1550 a linguagem arcaizante do autor do *Tratado da perfeição da alma* continua a conhecer e usa com frequência a palavra *viço* na acepção de 'vício' (ÁLVARO GOMES, *Tratado da Perfeiçaom da Alma*, Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra 1947, pp. 101, 111 etc.). Cf. ainda o glossário da *Demanda* para mais exemplos do uso de *viço* nesse texto em ambos os sentidos de 'prazer' e de 'vício'.

Neste caso, são os sentidos (especialmente medievais), é o tratamento do *i* tónico, é ainda a circunstância de o espanhol não conhecer senão formas evidentemente eruditas *vicio*, *vicioso* naquelas mesmas acepções (Espinosa, *Arcaismos* 22) – tudo nos convence de que na verdade *viço*, *viçoso* não são formas inteiramente tradicionais.

Para concluir esta revista, falta-nos o sufixo latino -ĭTIES/-ĭTIA, que, como na generalidade das línguas românicas (Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes* II, §§ 480–481), apresenta uma grande variedade de resultados: *-ez*, *-eza* com sonora; *-ece*, *-ice*, *-eça*, *-iça* com surda.

Comecemos por *-iça:* está muito fracamente representado e pode considerar-se verdadeiramente como improdutivo, visto se encontrar apenas em palavras que já possuiam -ĭTIA em latim: AVARĬTIA > ant. *avariça* (Huber 243) a par de *avareza*, forma mais corrente e única que persistiu; CUPĬDĬTIA > *cobiça*, ant. *cobiiça;* JUSTĬTIA > *justiça* (na *Crónica Troyana* ao lado de *justicia*); LAETĬTIA > *lediça* ant. (*Demanda* I, 37) a par de *ledice;* PĬGRĬTIA > *preguiça*, ant. *priguiça;* além de MALĬTIA já acima tratado. O carácter não popular destas formações é aparente, já do ponto de vista semântico, já do ponto de vista fonético: não só o *i* aparece conservado, mas o grupo *-gr-* em PĬGRĬTIA – e além disso os resultados espanhóis de quatro destes étimos são tipicamente eruditos ou semieruditos: *avaricia*, *codicia*, *justicia*, *malicia* (mas *pereza; maleza* deve ser antes formação recente; LAETITIA parece não ter representação)[1].

-ice: Não parece estar muito representado na época arcaica. Huber 243 regista *artice* 'manha', *bevedice*, *velhice*, *ledice*. A estes nomes pode-se acrescentar ainda *sandice* de *sandeu*[2] e *ligeirice*[3].

[1] Cf. J. M. PIEL, *A formação dos substantivos abstractos em português*, sep. de *Biblos* XVI (t. I, 209–227), Coimbra 1940, n.º 16.

[2] Cf. glossários do *Canc. da Ajuda* e da *Demanda*. Além disso a *Crónica Troyana* I, 177: «Et sobre el se deve tornar sua *sandiçe* se a disser». Usado ainda muito posteriormente, p. ex., em D. FRANCISCO MANUEL DE MELO: «O sumo grau de *sandice* é perder-se um pelo ganho do outro» (*Relógios falantes*, p. 46 da ed. de A. CORREIA DE A. OLIVEIRA).

[3] «e elle per esforço e *ligeirice* os venceu e matouos e destroyos todos», *Crón. Geral de Espanha* II, 18, li. 29.

Tornou-se depois muito produtivo em formações de valor nitidamente afectivo, juntando-se a «adjectivos que exprimem vícios ou defeitos pessoais» (Said Ali, *Formação de palavras* 7): *malandrice, tolice, parvoice, paletice*, etc., etc. (Cf. também Joseph H. D. Allen Jr., *Port. Word-Formation* 48). Não parece muito verosímil que a vitalidade deste sufixo se deva a uma «corrente francesa» (suf. *-ise:* Meyer-Lübke, *Gramm. II*, 569), mas o seu carácter semierudito afigura-se-me evidente[1].

-ece e *-eça* hoje sem vestígios, eram raros mesmo na época arcaica. O primeiro parece ser mera variante de *-ice:* Huber 243 regista *ledece* (*lidece*), *sandece*, *granadece*[2]; Nunes, *Comp.* 390 traz *velhece* e *mancebece*. A *Crónica Troyana*, que usa *velheçe*, parece conhecer normalmente *sandice*, mas *sandece* ocorre também num códice, ao passo que os Cancioneiros fazem alternar as duas formas[3].

De *-eça* conheço quase ùnicamente exemplos galegos, da *Crónica*

[1] Cf. PIEL, *Subst. abstr.* n.º 19. Inicialmente, inclinando-me para que este sufixo fosse tradicional, pensei que o *i* se pudesse explicar por metafonia provocada pelo iod, de maneira idêntica ao que se verifica em *alvidro*, *siba*, *vindima* < ARBĪTRIUM, SĒPIA, VĪNDĒMIA. *-iça* e *viço* explicar-se-iam do mesmo modo. Mas o caso é inteiramente diferente, porquanto naqueles étimos o iod não se fundiu com a consoante anterior, mantendo-se portanto até uma época mais tardia. Creio que não existe nenhum exemplo de grupo consonântico palatalizado em que o iod tenha exercido efeito metafónico sobre a vogal tónica. Diverso é ainda o caso de *cortiça*, cf. p. 266, N 1.

[2] Documentado ùnicamente uma vez nas *Cantigas de Santa Maria* com o sentido de 'grandeza (moral)': «et tantos santos cantavan / que vos non sei dizer quantos, / loand' a Santa Maria, / seu ben e ssa *granadece*» (nº 288, estr. 4 – em rima com *aparece* e *merece*). Aparecem ainda duas variantes – *granadez* (cf. N 2 da pág. seg.) e *granadeza* («polo bon rei Don Fernando / que foi comprido de prez, / d'esforç' e de *granadeza* / e de todo ben, sen mal», nº 292, estr. 4).

[3] *Sandeçe* ocorre pelo menos no códice bilingue da *Crónica Troyana* que deu as variantes à edição de MARTÍNEZ SALAZAR (I, 165, li. 1–2 e N). «Grand *sandece* me fez fazer» (*Canc. Bibl. Nac.* I, 70, nº 27, li. 7). Cf. os glossários citados na p. 271, N 2. PIEL, *art. cit.* n.º 18, considera *-ece* «forma medieval intermédia entre -ITIE e *-ez*», o que de modo algum se justifica.

Troyana, que o mostram como simples variante de *-eza:* o glossário desse texto regista *firmeça*, *forteleça*, *franqueça*, *soteleça* a par de *forteleza*, *franqueza*, *soteleza*. Conheço além disso *probeça* = 'pobreza' na versão do Fuero Real[1].

Podia em princípio pensar-se que estas fossem variantes verdadeiramente populares correspondentes às semi-eruditas *-ice/-iça*. Contra isso porém fala a circunstância da sua falta de vitalidade, que não consentiu que até nós chegassem nem mesmo em alguma formação já latina.

Muito mais viva em todas as épocas é a forma *-eza*. Só no glossário da *Crónica Troyana* encontro *alteza* 'altura', *estranheza*, *forteleza*, *tristeza*, *franqueza*, *grandeza*, *pobreza*, *soteleza*. Huber 245 regista *crueza*, *escasseza*, *escureza*, *limpeza*, *nobreza*. Said Ali, *op. cit.* 7 tem mais *igualeza*, *favoreza*, *maleza*, *crueleza*, *liberaleza*, *blandeza*. Hoje é o sufixo normal de formação de abstractos a partir de adjectivos (cf. Allen Jr., *op. cit.* 46–48) e Piel (*Subst. abstr.* n.º 15) considera-o «legítimo representante do latim -ITIA».

-ez era, pelo contrário, muito escasso na época arcaica. Huber 245 apenas consegue citar *grãadez* (aliás *granadez*)[2] e *sandez*[3]. Tornou-se depois mais produtivo com função idêntica à de *-eza* (cf. Allen 46), pelo que não é de estranhar a existência de formas duplas: *altiveza* e *altivez*, *rudeza* e *rudez*, *dobreza* e *dobrez*, *pequeneza* e *pequenez*, etc. (Said Ali, *op. cit.* 7)[4].

[1] «Se o padre ou a madre deverẽ [viverem?] en *probeça* en sa vida dos fillos quer seyã casados quer non, mandamos que segundo como for seu padre de cada huu que governe o seu padre ou sa madre», *Fuero Real* 98, li. 23–26.

[2] Ocorre uma vez nas *Cantigas de Santa Maria* (a par das variantes *granadece* e *granadeza*, cf. N 2 da pág. anterior): «foi-ss' a rua chorando / et loand' a do bon prez, / a Madre de Ihesu-Christo, / por aquesta *granadez* / tan grande que feit' avia, / et fez a todos chorar» (nº 258, estr. 9).

[3] Conheço um único exemplo: «Mais em gran *sandez* andava» (*Canc. da Bibl. Nac.* I, 47, v. 10; *Canc. da Ajuda* 7074) – o mesmo citado por Carolina Michaelis no *Glossário do Canc. da Ajuda* e por Augusto Magne no da *Demanda*. Pergunto a mim mesmo se não deverá entender-se «*sandeç* andava», sendo esta uma forma apocopada de *sandece* (cf. N 2 da p. 265).

[4] PIEL observa que *-ez* «se liga de preferência a latinismos» e

Quer na forma, quer na função *-eza/-ez* correspondem pois exactamente aos sufixos espanhóis de igual origem *-eza/-ez* (Meyer-Lübke, *Gramm.* 566; Hanssen, *Gram. Hist.*, §§ 301, 303). Apesar de tudo, o carácter acentuadamente abstracto que demonstram ter não fala muito em abono da sua inteira tradicionalidade.

Em conclusão: das seis formas em que se apresenta o sufixo latino -ĭTIEM/-ĭTIA em português, de nenhuma se pode garantir em absoluto que seja inteiramente popular. Pelo tratamento fonético (admitindo que por agora nada sabemos da cronologia relativa das evoluções de -TY-), poderiam sê-lo tanto *-ece/-eça*, como *-ez/-eza*[1]. A vitalidade fala em favor das variantes com *-z*, e sobretudo da segunda delas. Mas o carácter puramente abstracto do sufixo em si faz-nos hesitar em o olhar mesmo assim como verdadeiramente popular e tradicional[2].

-TY- representado ùnicamente por -ç-

Muito mais numerosos são os étimos representados em português ùnicamente por formas com -ç-, que oferecem, na sua maior parte, todas as garantias de serem verdadeiros «Erbwörter»[3].

«parece ser de um modo geral mais abstracto e mais literário do que *eza*» (*Subst. abstr.* nº 18).

[1] É evidente que a *forma* não é só por si argumento decisivamente favorável. Muitas são as palavras que têm ou parecem ter uma evolução fonética inteiramente 'normal' e *não são* 'Erbwörter'.

[2] Há outros sufixos de função inicialmente idêntica (formação de nomes de adjectivos) que são indubitàvelmente tradicionais: sobretudo *-dade* (*bondade, maldade, ruindade*) e *-ura* (*altura, brancura, doçura, frescura, quentura, verdura*), mas também *-eira* (*cegueira, tonteira*), *-or* (*amargor, frescor, verdor*, trasm. *altor*) e ainda, talvez, *-dão* (ant. *-dõe* – *escuridão, mansidão, pretidão*). Cf. MEYER-LÜBKE, *GR* II, §§ 427, 465, 466, 493 e 495; NUNES, *Compêndio* 386, 388, 390; SAID ALI, *Formação* 9, 11–12; PIEL, *art. cit.* nºs 12 ss.; ALLEN JR., §§ 31, 62, 95. Em *-ume* há algumas, muito poucas formações, com a mesma função: *negrume, pesadume, azedume* (cf. PIEL, *art. cit.* nº 24; ALLEN JR., § 94). Note-se que, apesar de várias observações acertadas, sobretudo de PIEL, *est. cit.*, está ainda quase tudo por dizer sobre a vitalidade e o valor semântico e particularmente estilístico de cada um destes sufixos.

[3] Não conto com *CUMINITIARE *começar* pelas relações que existem entre este verbo e *empeçar* (< *IMPEDITIARE? cf. TILAN-

*ACUTIARE *aguçar;* ant. *aguça* 'diligência'[1], *aguçoso* 'diligente'[2]

*ADDELICATIARE *adelgaçar*

*ATTITIARE *atiçar*

*CAPĬTIA (Corominas I, 556b e ss.) *cabeça* e derivados[3]

*CORATIONEM (Corominas I, 896 e ss.) *coração*, ant. *coraçom*, e derivados[4]

LAPATHIUM *labaça*

MINŪTIA *miuça, miunça, esmiuçar, esmiunçar*

PALATIUM *paço*, ant. *paaço*, top. *Paço, Paçô* (PALATIOLUM)[5]

PLANĬTIES, -ĭTIA top. *Chaiça, Chainça*, etc. (Piel, *RPortFil.* I, 157)[6]

DER, *SN 27*, 38–39). Quanto a *enguiçar*, o étimo *INIQUITIARE proposto por Carolina Michaelis de Vasconcelos (*RL* III, 155) é demasiadamente duvidoso (cf. GAMILLSCHEG, *Rom. Germ.* I, 382). Quanto a *pedaço*, que viria, segundo TILANDER, *SN 27*, 31 ss., de *PEDATIUM, de PEDEM, surpreende a conservação do *-d-*, e ainda, de certo modo, o *-ç-* das formas espanholas medievais. Não são evidentemente de considerar também vocábulos como *espaço, estação, nação, serviço* etc., que, embora alguns nada de anómalo apresentem na forma, não são certamente vocábulos de origem popular.

[1] «se á grey nõ folgada ou nõ obediinte toda *aguça* for dada do pastor», Regra de S. Bento fragmentária (*Bol. da Classe de Letras* XV, 933 – a versão do séc. XV tem «diligencia e studo»); «e, con os grandes averes quê tragiam, poseron sobre ello tal *aguça* que em pouco tempo foy todo acerca de acabado», *Crón. Ger. de Espanha* II, 33, li. 17–19.

[2] «assi é tornado *aguçoso* dos seus» (Regra de S. Bento fragmentária, *Bol. da Classe de Letras* XV, 936 – a versão do séc. XV traz «solicito e diligente»); «et fuy en este feyto muy nomeado et muy *aguçoso*» (*Crón. Troyana* II, 239); «demais sabia assi / tẽer sa orden, que ni- / hũa atan *aguçosa* / era d'i aproveytar / quanto mais podia» (*Cantigas de Stª Maria*, ed. RODRIGUES LAPA 38, v. 9–13).

[3 e 4] Note-se que em castelhano ambos estes étimos estão representados com *-ç-* surdo.

[5] Já no galego-português antigo (como por exemplo na *Crónica Troyana*), a par da forma tradicional *paaço* (*paação* adj.), ocorre a forma erudita *palácio*. Em castelhano só esta parece estar documentada desde sempre.

[6] Quanto ao *i* cf. p. 272, N 1. Também a distribuição puramente meridional do topónimo e a sua escassez na Galiza (aliás ambas explicáveis igualmente por razões geográficas) mostram que ele não é inteiramente tradicional.

PLATEA *praça*[1]

PLUTEA *choça*

POTIONEM ant. *poçon*, *ponçon* m. 'veneno'[2], mod. *poção* f. 'bebida medicinal, *tisana*'

*POTIONEA *peçonha*, ant. *poçonha*, e derivados[3]

PŬTEUM *poço*

TITIONEM *tição*, ant. *tiçom*

A estes nomes e verbos acrescentem-se ainda as formas verbais *peço/peça* < PETIO/PETIAM e *meço/meça* < *METIO/METIAM de *pedir* e *medir* respectivamente; e o sufixo *-ção* (*-ação*, *ição;* ant. *-açom*, *-içom* < -TIONEM), comparável provàvelmente em espanhol, não com *-ción*, mas com *-zón* (*cerrazón*, *ligazón*, *trabazón*)[4].

Em suma: dos étimos latinos que possuiam o grupo -TY- não há portanto nenhum em que este esteja representado exclusivamente pelo resultado sonoro *-z-*. Nestes casos de divergência, só com VĬTIUM e o sufixo -ĭTIEM/-ĭTIA factores fonéticos e semânticos falam em favor de uma maior antiguidade das formas com fricativa (< africada) sonora *z*. Mesmo assim, pelo menos o sufixo não tem semânticamente o carácter de um elemento formativo verdadeiramente popular. Em contraposição, numerosos são os étimos em que -TY- se continua exclusivamente com a surda *ç* e estes

---

[1] O tratamento do grupo PL- mostra todavia que a palavra não pertence à camada mais antiga, cf. cast. *plaza*. Na *Crón. Troyana*, segundo o glossário, também aparece *praza*!

[2] Aplicado ao veneno de serpentes, dragões, aranhas, escorpiões, nas *Cantigas de Stª Maria:* «achou un dragon na carreira et mató-o et el ficou gafo do *poçon*»; «e fugirei do *ponçon* / do alacran» (CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS, *ZRPh. 25*, 284). O género é masculino, como em francês e provençal (*REW* 6699). O vocábulo moderno (feminino, note-se) pode representar uma reimportação semi-erudita: cf. esp. *poción*, fr. *potion*, etc.

[3] Na *Crón. Troyana* encontra-se, segundo o glossário, *poçoña*, *poçoya*, *peçoya* e *empoçoado*. Na *Crónica Geral de Espanha* (II, 227, li. 8): *peçoenta*. Na Regra de S. Bento fragmentária (*Bol. da Classe de Letras* XV, 964): *ĩpoçoados*. Sobre esta palavra e as suas grafias veja-se o meu artigo a publicar no *Bol. de Filologia* (Lisboa): *Comentários às «Notas de paleontologia linguística» I e II de Helmut Lüdtke*.

[4] HANSSEN, § 321; MEYER-LÜBKE, *GR* II, § 496.

têm, na sua quase totalidade, o carácter de vocábulos inteiramente populares.

A conclusão que acabamos de formular é portanto idêntica à que já tirámos a respeito de -KY-. Quer dizer: se há motivos para atribuir uma maior antiguidade a qualquer dos dois resultados *ç* e *z*, quer de -KY- quer de -TY-, em português, é ao primeiro, a antiga africada surda *ts*, reduzida hoje a simples sibilante alveolar *s*, que pertence sem sombra de dúvida essa atribuição. A tendência mais recente para a sonorização desses grupos consonânticos, que em castelhano atingiu (*quase*) radicalmente todos os vocábulos antigos que os apresentavam, reduziu-se na faixa conservadora galego-portuguesa a afectar alguns poucos elementos lexicais e morfológicos mais próprios de certos meios social e culturalmente mais elevados.

Uma última confirmação a esta tese talvez se possa encontrar na correspondência mirandesa dos mesmos grupos latinos. Falar leonês desde séculos politicamente segregado do seu centro natural, o mirandês oferece, como é compreensível, a par de alguns traços que podemos considerar inovadores, outros nitidamente conservadores. Ora bem: sabendo nós que este dialecto distingue rigorosamente as surdas das sonoras, é importante observar que nele aos grupos em questão corresponde com uma uniformidade quase perfeita a sibilante pre-dorso-alveolar *s* (*ç*). Eis os exemplos que eu directamente recolhi:

-KY-: *lhiços*, *lhiçadas*
cortiço, *cortiça*
suf. -ACEUS – *baraço*, *espinaço*, *fogaça*, *galhinaça* 'escremento de galinha', *rugaço* 'regaço'
suf. -ICIUS – *canhiço* e *canhiça*, *chouriço* e *chouriça*, *eiriço-cacheiro*, *graniço* e *esgraniçar*, *pelhiço* 'ouriço da castanha'

-TY-: *aguçadeira* 'pedra de aguçar'
atiçar
cabeça, *cabeço* e derivados
coraçõu
Palaçôlo top.
poço
tiçõu

Contra estes exemplos, apresentam resultado sonoro do grupo -KY- os derivados de GLACIES (ou melhor *GLACIU-) e GLACIARIUS[1], que registei em diversas localidades mirandesas para designar a lama escorregadia produzida quando, ao subir a temperatura, se desfaz o gelo que, entranhado na terra, a endurecia. São essas formas: *lhazeiro* usado em Prado Gatão, Duas Igrejas, Malhadas, Ifanes, Póvoa; *lhazieiro*, que ouvi em Sendim a uma mulher natural de Palaçoulo; e *lházio*, que registei em Paradela. Apesar do carácter rústico do termo, não há dúvida de que a conservação da semivogal nas duas últimas formas fala decididamente em favor de uma evolução semi-erudita do étimo.

Coimbra *José G. C. Herculano de Carvalho*

[1] Étimo representado também no galego *lazo* 'gelo', *lazar* 'gelar' – CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS, *RL* III, 170; GARCÍA DE DIEGO, *Contribución al Diccion. Hisp. etimol.* nº 284–, e no leonês *yaz*, recentemente registado por L. SPITZER, *AILC* II, 41–43. Creio que a forma de Paradela vem em apoio da suposição de GARCÍA DE DIEGO.